

O GATO ANGORÁ

Warley Matias de Souza

O GATO ANGORÁ



Souza, Warley Matias de, 1974-
O gato angorá / Warley Matias de Souza. –
1ª ed. – Joinville : Clube de Autores, 2015.
137 p.; 15 cm.

ISBN 978-85-910742-8-0

1. Literatura brasileira. I. Título.

CDD-B869

O GATO ANGORÁ

Copyright © 2015 WARLEY MATIAS DE SOUZA

Capa: *Gabriel Lavarini*

Proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por
qualquer processo, sem autorização por escrito do
autor.

Sumário

9	Banal
10	Ducha higiênica
11	Olhar de louca
12	Sonho de formiga
13	Metacontice
14	Insônia
15	Onírico
16	Um verso só
17	Tédio baudelaireano
18	Ônibus
19	O doido
20	História de amor e ódio
21	Crise dos 40
22	O gato angorá
24	Ridícula numa tarde de sol
26	Pobre pobre, de marré deci
28	Adele
30	Vírus e pênis
32	BS do Roberto

34	O riso da velha
36	Sem dentes
38	Aprendizado
40	Filosofia de boteco
42	Os bebês
44	Sem palavras
46	Sapos e escorpiões
48	Erã e a serpente
50	Despedida
52	A criança e o monge
54	Vitimações
56	<i>Mamma mia!</i>
58	Um dia de chuva
60	Ratos, pornografia e esgoto
62	Aquele homem
64	A guerra
66	Quero ser grande
68	O toque
70	Estradas
72	Em preto e branco
74	Ídolos

76	Omelete
78	Mais um menino
80	Estradas ocas
82	Esquecimento
84	<i>A voyeur e o flâneur</i>
86	Poética de banheiro
88	Conexões
90	Ante o depressivo
92	Fragmentos de um diário
94	Solidão em Beagá
96	O diácono
99	A vingança do peru
102	Silêncio
105	Se sua mãe ligar, não atenda
108	A rosa
111	Floresta urbana
114	Velha
117	Epístola ao <i>flâneur</i> que ignorou o menino que batia uma pedrinha insistente sobre o meio-fio
121	Contaminação

- 124** Um bizarro escritor
- 127** Rudezas
- 130** Carta ao amigo ausente
- 134** Momento tedioso de um escritor

Banal

Quando ele era criança, falava porque tinha muito o que dizer. Mas a mãe, irritada, dizia “Cala!”. Por isso, mais rápido ele falava, porque tinha muito o que dizer, temeroso do inevitável “Cala!”.

Ontem, a mãe ligou-lhe e reclamou que ele não conversava com ela, era assim tão monossilábico!

Tem poucos amigos justamente porque fala pouco de amenidades, e pouca gente gosta de estar ao lado de uma pessoa que está todo o tempo pensando no sentido da vida e questionando a realidade.

Já tentou ser banal, mas não consegue.

Ducha higiênica

Seus olhinhos pretos e cobiçosos fixaram-se na ducha higiênica. Ridículo confessar; mas seu sonho era ter uma daquelas em seu modesto banheiro.

Com olhos lacrimejantes de inveja, confessou seu sonho para a dona da casa, que riu um riso nervoso diante de tão inesperado desejo.

Os olhinhos pretos continuaram fixos no objeto de desejo, enquanto perdurava sobre os lábios ressecados um sorriso destituído de inteligência.

Mato, privada (casinha ou fossa), banheiro sem bidê (decepção). Banheiro sem ducha higiênica.

Mas, estranhamente, havia esperança.

Olhar de louca

Não tinha medo ou pudor, falava para quem quisesse ouvir:

— Dinheiro não é problema. Sou rica!

Até que um dia foi sequestrada.

Com certa alegria, disse ao sequestrador:

— Sou rica!

Porém, ao observar atentamente os olhos de mulher perdidos em algum segredo distante, ele percebeu que estava diante de uma louca.

Sonho de formiga

Adormeceu depois de muitas punhetas diante de fotos de Marilyn Monroe e James Dean.

Sonhou com sonhos de Dalí.

Acordou e, antes de lavar a boca, leu um pouco de Machado de Assis, um pouco de Clarice Lispector.

Chorou diante do espelho quebrado do banheiro, era difícil o próprio reconhecimento.

A opressora consciência é a causa da loucura.

Por um momento, desejou desesperadamente ser formiga.

Metacontice

Óculos escuros de lentes redondas, hastes abertas sobre o lençol amarelo da cama recém-feita, sobre a qual repousa uma edição bonita de *Esau e Jacó*, além de uma caneta preta, escrita fina.

O escritor debruça-se sobre a cama e registra, em pedaço de papel rasgado às pressas, o momento único, a cena vista num relance revelador, ao abaixar-se, sentado em sua poltrona *design* anos 70, para amarrar os cadarços do par de tênis *All Star* preto.

No final da escrita, o escritor suspira e sente mais uma vez o abismo da existência.